



## ***PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM*** **A beleza que jorra de um percurso introspectivo**

*Jussara Rocha Kouryh*

Estar diante de um texto de Clarice Lispector – seja ele qual for: romance, crônica, conto... não importa – gera em nós, ávidos por boas leituras, uma primeira urgência, a que chamo de sentimento antagônico à obra que temos em mãos. Qual urgência? Aquela quase infantil de devorar as letras que nossos olhos encontram como se tivéssemos que, a exemplo dos nossos anos escolares, prestar contas da compreensão do texto – seja oralmente, seja por escrito, numa construção livre ou apenas respondendo a um questionário ou a uma ficha de leitura que nos foi entregue pela professora ou pelo professor de Literatura, Português, Redação... Isso sem contar a obrigatoriedade que as seleções nos impõem – ontem, o famigerado vestibular; hoje, a tentativa de inclusão via ENEM. Além disso, estamos vivendo a era da pressa, do imediatismo, das mensagens cifradas, postadas em redes sociais, para aproveitar o tempo e encurtar o prazer da vida. Lemos de “*carreirinha*”, como costume dizer quando tenho oportunidade de conversar com leitores mirins ou juvenis nas diversas salas de aula por onde tenho passado. Esse tipo de leitura cristaliza o sentimento antagônico que experimentamos quando nos deparamos com exigências textuais outras.

Por que associar o antagonismo mencionado à forma de leitura? Porque a leitura da escrita de Clarice naturalmente freia nossa urgência e nos propõe o seu oposto. É como se estivéssemos numa aconchegante sala ou, quem sabe, na intimidade da mesa de uma cozinha, tomando o cafezinho da tarde, acompanhado por bolos e biscoitos caseiros, numa descontraída e agradável conversa sobre tudo e nada ao mesmo tempo, sobre as nuances do cotidiano da vida, mas, sobretudo, nos deliciando com a sabedoria das pessoas mais moídas pela vida (nem tanto pelo tempo, muito menos pelo academicismo). Na criação da imagem deste aconchego é quase possível sentir o cheiro inconfundível do café e das guloseimas, escutar de risadinhas sussurradas a sonoras gargalhadas, as conversas miúdas onde poucas palavras são suficientes para a compreensão do assunto, vozes altas narrando



situações divertidas do ontem e do hoje, ou quase cochichadas, caracterizando confidências e segredos. Ali não existem conselhos preestabelecidos, apenas descobertas das cores que compõem a aquarela da existência e que foram sendo desveladas à medida que a coragem impulsionou o enfrentamento ao medo, a busca pelo encantado, a descoberta, o encontro, o desvendamento do desconhecido. E nesta conversa à mesa da cozinha, entre cafezinhos e iguarias, não há espaço para a pressa; ao contrário, a degustação é lenta, sem enfado, movida pela necessidade de saborear todos os ingredientes materiais e imateriais. Quando chega o momento de lavar pratos e panelas, guardá-los, arrumar a cozinha para deixá-la apta a receber a nova prosa, a despedida é inevitável. Contudo, o gostinho de quero mais acompanha quem parte e quem fica.

Destarte é quando nos deparamos com um texto, qualquer que seja, de Clarice Lispector. Sua escrita naturalmente nos convida a visitar as linhas e as entrelinhas de cada página, sem gerar em nós qualquer sentimento de cansaço, de abuso, de desejo de abandono. Antagonicamente, nos prende de tal forma que, sem pressa diante de uma vida apressada, não conseguimos deixar de lado aquela leitura antes de chegarmos ao fim, de penetrarmos seus mistérios, seus entrançados e desentrançados, seus enlaces e desenlaces, suas dores e alegrias, a vida e a morte que cada circunstância encerra.

Assim sendo, submergi em minha própria e singular inquietação e adentrei as entranhas do romance de Clarice a partir de uma reflexão sobre o perturbador título. Por que *perto do coração selvagem*?

*Perto...* traduz uma sensação de proximidade sem, necessariamente, a chegada almejada. “*Estamos em um navio perto do porto...*”, mas, o fato é que ainda não atracamos. Talvez já consigamos vislumbrar a orla, a margem. Contudo, faltam algumas milhas, ou algumas braçadas, para alcançarmos o ancoradouro. “*Estamos perto...*” bem o sabemos, apenas isso. E esse estar “*perto*” não nos permite explorar profunda, cuidadosa e minuciosamente o que se desenha à nossa frente. “*Estamos perto...*” e não nos é possível desnudar as nuances daquilo que apenas avistamos. O fascínio pelo novo desconhecido desponta pulsante uma vez que as águas já foram navegadas e dominadas em suas inesperadas variantes: da calma à tempestade, do calor do sol às noites mais densas, ou intensamente estreladas, ou inundadas



completamente pela luz da lua. Agora, o cenário é outro e traz aos nossos ouvidos o esperançoso e assombroso grito: “*Terra à vista!*”.

Esperançoso porque, finalmente, poderemos pisar em terra firme... Quem nos garante tal solidez? Traduz segurança? A esperança é que assim seja! No entanto, será sempre uma incógnita, útero gerador do assombro porque apresenta-nos, mais uma vez, o desconhecido, aquele sobre o qual somos pobres de conhecimento e, por conseguinte, distante de nosso domínio. Aqui, o nascedouro de todas as fantasias, tanto aquelas belíssimas como as mais caprichadas máscaras dos papangus bezerrenses a encantar os domingos carnavalescos, ou as mais horrendas que aterrorizam crianças na transplantada festa das bruxas, substituindo antigas maçãs maravilhosamente escarlates, mas envenenadas em suas entranhas, por doces os mais diversos como um desejo de adocicar o medo e, ao mesmo tempo, frear a curiosidade de reconhecer quem está por trás da máscara. É uma maneira açucarada de estagnar a vontade de desvendar o escondido. Entretemo-nos com os doces.

Dessa forma, permanecemos “*perto*” sem ir em profundidade. Será que podemos, analogamente, dizer que “*permanecemos na superfície*”? O perigo é nos contentarmos com esta posição e esquecermos de ir em busca do substrato de acontecimentos e pessoas. A partir de tal superficialidade, tecer comentários, forjar conceitos, “inventar” verdades, distorcer fatos e visões de mundo. Estarão aqui as raízes de todos os preconceitos e intolerâncias?

*Coração...* Duas são as perspectivas que cutucam minhas pulsões. Caberia um tratado científico que dissecasse um dos músculos vitais dos animais, principalmente do ser humano. O músculo pulsante que dispara a cada emoção mais intensa – seja de prazer, amor, ódio, surpresa, medo, susto, pavor, alegria... –, batidas aceleradas, ou tranquilas, ou minguantes. Como uma câmara oca que é, suas quatro cavidades guardam dois átrios e dois ventrículos. Na nossa ignorância científica, dizemos que o coração recebe do corpo o “*sangue venoso*” e devolve para o mesmo o sangue purificado, aquele chamado de “*sangue arterial*”, desconsiderando o extraordinário trabalho dos pulmões nesse processo de purificação. No ápice de nosso pseudoconhecimento clínico – somos da área das Humanidades –, ainda discorremos sobre o percurso do sangue em todas as grandes e minúsculas partes do nosso corpo. O fato é que, para nós, o sangue se traduz em vida e o coração é o



órgão que transmite essa vida como se autônomo fosse, como se não dependesse de nenhum outro.

É tão intrínseca nossa relação com o *coração* que transplantamos para ele a poesia da vida. Nesta, o *coração* é o centro de todos os nossos sentimentos. “*Te amo com todo o meu coração...*”, aqui está a emoção da poesia. “*Te amo com todo meu intelecto...*”, aqui está a ausência de qualquer poesia, embora preenchida de verdade. O *coração* é transmutado e diagnosticado como o centro de todas as nossas emoções e dita “*razões que a própria razão desconhece*”, frase do filósofo francês Blaise Pascal, musicalizada por Marino Pinto e Zé da Zilda, na clássica canção *Aos pés da cruz*. Nessa transmutação, é o *coração* que ama, odeia, perdoa, acolhe, rejeita, expulsa, aconchega... é o centro gravitacional da emoção traduzida em vivência. Tudo para ele converge, tudo dele nasce, tudo a partir dele explode e se transforma em presença vibrante, motivadora.

*Perto do coração...* Qual a inquietação que ora se instala? Se estamos *perto do coração*, somos marginais de nossas emoções. Aqui, parece que nos apequenamos. Talvez seja isso mesmo. No tempo da pressa que mencionamos, os sentimentos assumem um caráter descartável, volúvel, vazio de cumplicidade, características substanciais do egoísmo que impõe a solidão travestida de uma extensa rede de relacionamentos determinada por mídias sociais produzindo outras máscaras que se impõem, resultantes de globalizadas indústrias de cosméticos e do *show business*, entre outros, que vende a ilusão da fama, do reconhecimento, da fortuna.

Mais uma vez o contraditório refloresce com uma força absurda. Em contraponto à superficialidade do descartável, existe uma turba que insiste em seguir os ditames do coração e outras formas de relacionamento assumem belezas tão negadas por preconceitos enraizados há séculos nas faces risonhas da hipocrisia. E, aí, concordamos com a poesia “Paula e Bebeto”, uma composição de Milton Nascimento e Caetano Veloso:

Pena que pena, que coisa bonita, diga  
Qual a palavra que nunca foi dita, diga  
Qualquer maneira de amor vale o canto  
Qualquer maneira me vale cantar  
Qualquer maneira de amor vale aquela  
Qualquer maneira de amor valerá



Como, então, se permitir ficar *perto do coração* sem cair na armadilha do descartável e reconhecer que “toda maneira de amor vale a pena”? O desafio se nos apresenta cotidianamente. O caminho parece ser o mesmo aqui pautado: ir ao encontro do desconhecido, sair da periferia emocional, desnudar-se e se revestir de uma disposição, às vezes até heroica, para perscrutar o âmago e não estacionar longe do ancoradouro. É necessário desembarcar e ir ao encontro das emoções, dos sentimentos, dos ditames do coração. Mas... e as dores, as decepções, as perdas...?! Se fugirmos delas, como encontrar as alegrias, as amizades, as realizações, os amores...?! Pérolas a serem descobertas em meio à lama.

A essa altura, vale um lembrete: a pérola, considerada *rainha das gemas*, está classificada como uma pedra preciosa, única de origem biológica. Ela nasce da incômoda invasão de um minúsculo grão de areia ao seio da ostra, aproveitando qualquer descuido, qualquer espaço entre as duas conchas que protegem o molusco. Se podemos fazer similaridade, é da coragem do insignificante grão de areia em buscar o aconchego no desconhecido que a *rainha* é gestada e, posteriormente, apresentada ao mundo externo à lama e às águas em todo o seu esplendor.

Voltemos. Não, não nos basta ficar *perto do coração*. É imperativo esmiuçar o âmago, condição *sine qua non* para nos sentirmos gente – pérolas. Para tanto, não tenhamos pressa, o que não significa inércia, mas trilhar o corajoso trabalho de averiguar minuciosamente o geral e o particular, o todo e o singular, o aparente e o conteúdo, a massa e os ingredientes...

Eis a última (será?) inquietação: a significação de *selvagem*. Se olharmos atentamente a história sociocultural e antropológica da humanidade, a compreensão de “*selvagem*” está intrinsecamente ligada àquilo que consideramos – a partir do topo de nossa pseudo e arrogante onisciência de seres civilizados – algo menor, insignificante porque contrário às nossas crenças, fora do bojo de nossos conhecimentos. Lacramos, então, nossos discursos considerando esse arcaico conceito que, em essência, representa simbolicamente o mais entranhado negacionismo a tudo aquilo que nos parece estranho e fora de nosso controle. Isso posto, o coração é mesmo *selvagem*. Aqui, o perfil paradoxal, o contraditório: ao mesmo tempo que reconhecemos o coração como *selvagem* porque não



conseguimos controlar seus ditames, seguimos cegamente o que ele determina porque a ele outorgamos esse poder. Eis o que somos.

Clarice sabe disso como poucas/os artistas das letras. A história de Joana, personagem central do seu romance *Perto do coração selvagem* – o primeiro, publicado em 1943 [1944] –, nos apresenta esse jogo de luzes e sombras pertinente a quem, não querendo ficar à margem do coração, enfrenta a selvageria – aqui vista como o desconhecido, lembremos – concernente às emoções, aos sentimentos. Assim, a introspecção – a busca para desanuviar as experiências mais íntimas, mais pessoais – é o fio condutor. Um fio de ouro que coloca em evidência o que parece mínimo, insignificante, banal, óbvio e o inclui no giro do mundo, estabelecendo diálogos entre diferentes, escancarando outras visões de mundo.

Joana incorpora a humanidade inteira e expõe o seu *coração selvagem*. No percurso da construção da busca por si mesma, revela todas as faces de um coração explorado nas suas mais secretas entranhas. Joana, guiando-nos nos labirintos de sua interioridade, desnuda os nossos sentimentos e emoções tão assustadoramente iguais que vemos, paulatinamente, desidratar nossas máscaras, sejam as mais fáceis de serem identificadas – a exemplo dos papangus –, ou as que construímos a partir dos nossos estojos de maquiagem importados ou adquiridos nos camelôs do entorno do Mercado de São José, no centro do Recife, ou na rua 25 de Março, na cidade-mundo de São Paulo, ou outras tantas de igual perfil que surtem o mesmo efeito: a tentativa de escondermos rugas as mais diversas, isto é, camuflarmos o que somos.

Joana não tem essa prerrogativa porque Clarice não está preocupada em nos apresentar uma personagem perfeita, um estereotipo de mulher a ser imitado por todas as outras. Absolutamente, não! Clarice, por meio de sua Joana, quer provocar – e provoca – o encontro. Ela não se satisfaz em ficar *perto*, muito menos *perto do coração*, menos ainda *perto do coração selvagem*. Ela nos empurra, literalmente, a adentrar o *coração* como centro gravitacional da emoção traduzida em vivência – como mencionamos –, para descobrirmos nossa própria essência assim como sua Joana o fez sem se esconder. Via sua Joana, Clarice mesma explica:



E um dia virá, sim, um dia virá em mim a capacidade tão vermelha e afirmativa quanto clara e suave, um dia o que eu fizer será cegamente seguramente inconscientemente, pisando em mim, na minha verdade, tão integralmente lançada no que fizer que serei incapaz de falar, sobretudo um dia virá em que todo meu movimento será criação, nascimento, eu romperei todos os nós que existem dentro de mim, provarei a mim mesma que nada há a temer, que tudo o que eu for será sempre onde haja uma mulher com meu princípio, erguerei dentro de mim o que sou um dia, a um gesto meu minhas vagas se levantarão poderosas, água pura submergindo a dúvida, a consciência, eu serei forte como a alma de um animal e quando eu falar serão palavras não pensadas e lentas, não levemente sentidas, não cheias de vontade de humanidade, não o passado corroendo o futuro! O que eu disser soará fatal e inteiro! Não haverá nenhum espaço dentro de mim para eu saber que existe o tempo, os homens, as dimensões, não haverá nenhum espaço dentro de mim para notar sequer que estarei criando instante por instante, não instante por instante: sempre fundido, porque então viverei, só então viverei maior do que na infância, serei brutal e malfeita como uma pedra, serei leve e vaga como o que se sente e não se entende, me ultrapassarei em ondas, ah, Deus, e que tudo venha e caia sobre mim, até a incompreensão de mim mesma em certos momentos brancos porque basta me cumprir e então nada impedirá meu caminho até a morte-sem-medo, de qualquer luta ou descanso me levantarei forte e bela como um cavalo novo (Lispector, 1980, p. 154-155).

Será necessário acrescentar uma letra sequer?

## REFERÊNCIA

LISPECTOR, Clarice (1980). **Perto do coração selvagem**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.